



Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua

Volume 1, Edição 14
Boletim Semestral

Fevereiro de 2011

Tem a Palavra

Este nosso Suplemento é publicado praticamente com o ano de 2011 a começar. Sendo costume no início de cada ano fazerem-se votos para que tudo corra bem, não podia pois então deixar passar a oportunidade para desejar a todos aqueles que fazem parte deste nosso pequeno/grande mundo que é a Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua, um 2011 repleto de tudo o que há de melhor.

Bem sei que o horizonte se apresenta com tons um pouco carregados, mas não há que desanimar. Como dizia uma certa pessoa, por pior que as coisas corram, a vida não acaba hoje, pois do outro lado do mundo, já é amanhã. Devemos pois olhar em frente, e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que o quotidiano continue a fluir mais não seja igual ao que tem sido.

Com inteligência e com vontade, estou certo que cada um de nós o vai conseguir, tanto na sua vida pessoal, como na vida da nossa instituição. Não podemos esmorecer. Devemos dar o nosso melhor, pois somente assim a nau navegará em águas seguras e chegará a bom porto.

Estamos aqui essencialmente para servir. Muita gente precisa de nós, por isso a nossa responsabilidade é acrescida. Trabalhamos para pessoas emocional e fisicamente frágeis, e não temos o direito de as desiludir. Cabe-nos fazer com que a sua vida tenha um pouco mais de sabor e se apresente com alternativas muito para além daquelas que unicamente apontam o sofrimento.

Para isso não podemos deixar que baixe a qualidade dos serviços que prestamos, acerca da qual bem nos podemos orgulhar. Mais que isso, o nosso esforço deve ir no sentido de a aumentar alargando até o âmbito das nossas valências.

Só assim, ajudaremos a que este ano seja um ano bom, antecedido de outros que ainda serão melhores.

Espírito Solidário

Propriedade: Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua

Director: Manuel Mesquita

Tomada de Posse dos Órgãos Sociais da Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua



Depois de ter sido eleitos por unanimidade a 18 de Dezembro passado, tomaram posse no dia 7 de Janeiro no Lar D. Antónia Adelaide Ferreira os elementos dos órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua, que executivamente continuam a ser liderados pelo Provedor Manuel José Mesquita.

A lista liderada pelo Provedor Manuel José Mesquita foi a única em concurso, tendo registado 61 votos favoráveis num universo de 144 "irmãos" eleitores, obtendo assim toda a legitimidade para um mandato de mais três anos sendo a seguinte a sua constituição:

Mesa da Assembleia Geral:

Fernando Pinto, José Silva Monteiro, e Elsa Peres Correia.

Conselho Fiscal:

Pedro Ermida, Manuel Montezinho, Carlos Silva Monteiro, Camilo Rema Pinto e Pedro Almeida.

Mesa Administrativa:

Manuel José Mesquita, Noel Magalhães, Júlio Alfredo Mota, António Portela, José Silva Dias, Raul Gonçalves, António Portela Cardoso, Nélia Chaves, Manuel Soeiro Correia e Otilde Maria Gonçalves R. Silva.

Solidariedade é um rio que nasce no coração e desagua na mão que dá, fazendo uma ponte eterna para a mão que recebe

Num mandato que se inicia: As Palavras do Provedor

P - A sete de Janeiro deste ano, tomaram posse os elementos dos órgãos sociais para mais um mandato...

R - Efectivamente assim foi. Após o acto eleitoral ocorrido no dia 18 de Dezembro de 2010, no qual houve lista única a concorrer, fomos obviamente eleitos. Não sentimos necessidade de mexer na equipa, uma vez que esta tem dado mostra de capacidade interventiva. É uma equipa que mistura experiência, pois alguns dos seus elementos levam já um bom conjunto de anos nisto, com a capacidade de concretização de outros, que sendo mais novos, também já cá andam há uns anos. Julgo que as provas estão dadas, por isso apostámos na continuidade.

Naturalmente que mais tarde a equipa terá de ser refrescada, mas para já ainda não foi o tempo oportuno.

P - É o velho ditado de que em equipa que ganha não se mexe.

R - Se pudermos considerar que somos ganhadores, será um pouco isso. Mas podemos dizer que alguns indicadores nos revelam que estamos a fazer um bom trabalho. Expandimos os serviços da Misericórdia, e estamos à beira da Certificação de alguns serviços. Temos um nome que é referenciado a nível distrital e mesmo a nível nacional, somos reconhecidos, pelo que neste início do meu quarto mandato, sem falsa modestia, acho que posso afirmar que o balanço é positivo.

P - Olhando unicamente para o último, o que é que destacaria?

R - Há três situações de referência, que melhoraram substancialmente. Em primeiro lugar, referiria a actual "menina dos nossos olhos", a Unidade de Cuidados Continuados, apesar do prejuízo que nos está a dar. É um trabalho que foi bem conseguido, e é uma Unidade que está referenciada entre os parceiros com quem trabalhamos. Depois, referiria a equipa do Projecto D O M que é muito importante e não pode passar despercebida. Obtém resultados por via de um trabalho de quatro técnicas, em conjunto com a Directora Técnica do Lar de Infância e Juventude que se dedicam às jovens que temos a nosso cargo em cada momento. Deixe que aqui lamente, já agora, que pessoas sem o conhecimento concreto da actividade que se desenvolve seja injustas porque fazem críticas

infundadas. Para se opinar, tem de se conhecer todo o contexto do objecto da nossa atenção, o que não é o caso. Eu sei que essas pessoas não são obrigadas, e nem devem saber os contornos específicos de cada caso, mas para compreendermos um pouco as coisas, basta que tenhamos em atenção que a sociedade mudou profundamente nos últimos anos. Por isso, o perfil das jovens acolhemos mudou também. Se é complicado hoje em dia lidar com qualquer jovem, sa-

fossem jovens com uma situação de estabilidade familiar, por acaso estariam institucionalizadas?

Como disse, basta lembrarmo-nos o que são os adolescentes de hoje em dia, e depois transpormos essa realidade para jovens com problemas complicados, com disfunções familiares. Mas o certo é que as jovens chegam ali, e encontram alguma paz e o encaminhamento necessário para aquilo que pode vir a ser o seu projecto de vida.

P - Há toda uma equipa a trabalhar com elas e para elas a tempo inteiro, dentro do tal projecto D O M . O que significam a sigla?

R - Significa; Desafios, Oportunidades e Mudanças. É um projecto contudo que está quase a acabar nos moldes actuais. Para esta valência, ainda para este ano, está previsto um novo modo de funcionamento.

Presentemente, este acolhimento é feito respeitando escalões etários. No

instituições encontram mais dificuldades em trabalhar.

A Directora Técnica mais as quatro Técnicas Superiores, constituem uma equipa multidisciplinar, com formação académica variada, e com as restantes funcionárias, têm feito um trabalho excepcional. Realço isto, porque de vez em quando surgem apreciações injustas e sem fundamento.

Toda a nossa preocupação vai no sentido de se proporcionar uma boa qualidade de vida às jovens, procurando que ao mesmo tempo, adquiram instrumentos e bases interiores, de maneira a que possam delinear e concretizar o seu projecto de vida. Isso é fundamental.

P - Há um bocado, atrás, ao referir-se à Unidade de Cuidados Continuados, disse que esta dava prejuízo. Qual é a razão dessa situação? O motivo está na gestão?

R - Antes deixe que vá à questão anterior, pois ainda falta referir o terceiro sector muito importante do mandato que findou. É o RSI - Rendimento Social de Inserção, ao qual estão adstrita cinco técnicas e sete ajudantes de acção directa, para um trabalho dirigido a quatrocentos beneficiários, numa actividade que não sendo fácil, se mostrou absolutamente à altura do que era e é exigido na capacidade de resposta e de acompanhamento.

Indo então à Unidade de Cuidados Continuados: O problema não advém da gestão, nem pouco mais nem menos, pois a ser daí a sua origem, já se tinha encerrado. O défice de exploração, resulta do diferencial da despesa de funcionamento, e da receita que se tem.

O que recebemos por parte do serviço prestado com o acolhimento de utentes é muito baixo. Não quero entrar numa guerra de números, mas se compararmos aquilo que recebem os hospitais como preço de referência, com o que nós recebemos, facilmente notámos que há um abismo. Falo de uma relação de um para quatro ou cinco.

Temos um pagamento por cama, de cerca de 57 euros dia por cama. No entanto, um doente que nos chegue por exemplo e sobretudo com altos consumos de oxigénio e com uma medicação mais rigorosa, ultrapassa de longe esse valor. O resultado negativo, vem daí. A receita está previamente estipulada, pois não a podem-



bemos bem disso, muito mais o é lidar com estas que vêm de contextos sociais e familiares muito complicados. Temos de ter isso em conta, respeitando cada jovem por si mesma, garantindo a privacidade do seu mundo e dos seus problemas. É isso que essencialmente todos devemos ter em conta, fazendo com que a nossa instituição acompanhe a mudança de mentalidade e de anseios, sendo capaz de acompanhar os tempos. A questão para reflexão que se pode colocar é a seguinte: Se estas jovens,

Será pois de condenar quem dentro da nossa comunidade por vezes sem saber do que fala, espalha opiniões e boatos acerca das nossas jovens, esquecendo-se que apesar de tudo e no fundo, elas não são muito diferentes das outras jovens. Têm os mesmos sonhos, e as mesmas virtudes, só que o seu contexto é bem mais complicado. No entanto, junto de nós, encontram um ponto de apoio, um porto de abrigo, e isso é que é o mais importante.

nosso, tem vindo a considerar-se e a trabalhar-se desde os 3 meses aos 18 anos de idade. O novo modelo preconiza que os Lares de Infância e Juventude se especializem, tornando-os mais específicos, ou antes, mais especializados.

O serviço que esta valência presta à comunidade, é tão valioso, que merece todos os nossos esforços. Vamos dar então principal enfoque ao período da adolescência, que como facilmente se depreende, é o mais difícil, mais trabalhoso, e onde as

Professor Manuel José Mesquita

os ir buscar a mais lado nenhum, é fixa, mas a despesa é variável e crescente. Urge que o Estado tenha consciência deste problema que pode levar a que muitas UCCI fechem as suas portas, acho que já aconteceu em algumas Unidades espalhadas pelo país

Temos uma equipa de trabalho alargada e multidisciplinar. Por exemplo, só de enfermagem, temos treze pessoas contratadas e duas a recibo verde. Temos médicos, fisiatras, fisioterapeutas, psicólogos, animadoras, assistentes sociais, enfim, temos um equipa de muito gasto em termos de salários, mas não há volta a dar para que se consiga a qualidade que se impõe.

O pagamento de salários, leva-nos cerca de 68 por cento do total da receita. Sobra o resto para fazermos face à medicação, aos cuidados de enfermagem, à alimentação, à higiene, aos protocolos na área dos resíduos hospitalares, ao aquecimento, ao ar condicionado, etc. etc.

P – Com a particularidade de o Acordo não poder se denunciado. Ao que julgo saber.

R – Exactamente, uma vez que existiu uma subvenção financeira a termo perdido que temos que honrar. Não pode fechar durante cinco anos. Temos dois e pouco de funcionamento, resta-nos pois a esperança de que ao fim dos cinco, os valores sejam revistos.

Na altura da implementação das UCCI considerou-se que as Unidades que menos despesa iriam ter, eram as de Longa Duração, como é a nossa. Por isso, as de Curta e Média Duração, têm valores de Diária mais elevados. Após algum tempo, chegou-se à conclusão que afinal é ao contrário. Não digo que estas estão a ser bem pagas e se calhar não estão. Nós é que estamos piores.

Se nos forem internados dois ou três utentes com consumos altos de oxigénio, por mês não nos chegam cinco mil euros só para isso. Só de luvas descartáveis, chegamos a gastar mil e tal euros por mês. Tudo somado, logo se vê...

Mas temos de cumprir com o que está estipulado nos Protocolos. Não podemos pegar num utente, e tratar-lhe as feridas com o enfermeiro a passar de uma ferida para a outra com as mesmas luvas, por exemplo. É um consumo muito grande. Está mais que visto, que para um serviço

de qualidade, os valores têm de ser mais altos.

Há uns tempos a esta parte ainda houve a esperança de que se iria criar um pacote adicional para se fazer face às dificuldades que os Cuidados Continuados sofrem, mas com a crise que também serve de desculpa para tudo, nunca mais se ouviu falar em tal coisa.

P – A crise pode fazer com que os apoios oficiais sejam ainda menores, ou não? A Instituição está preparada para viver com menos verbas do Estado?

R – Espero que essa redução não aconteça. Não tenho indicações que ela irá suceder, o ano de 2010 o aumento foi zero por cento e este ano vai continuar na mesma.

No entanto, a despesa corrente continua a crescer, basta que por exemplo, o aumento do valor do ordenado mínimo nacional em 25 euros que por sua vez se reflectem nos ordenados que estão acima. Aí a despesa aumenta. A própria inflação provoca o aumento dos preços das coisas, das produtos, etc.

Sobre cortes nas ajudas sociais, não ouvi falar, mas se vierem a acontecer, ninguém duvida que levarão à ruína muitas instituições.

P – A haver cortes, qual é a



área que identificaria como mais frágil?

R – Nenhuma, pois temos os mesmos cuidados com todas. Fazemos uma gestão integrada, global, com todas as valências.

Temos a consciência que não podemos aumentar esta ano as receitas, mas é fundamental termos confiança. As nossas receitas são obtidas de três formas: Receitas próprias, dos imóveis que temos; receitas ad-

vindas dos Acordos de Cooperação com a SS e com a ARS; e receitas das participações familiares e dos utentes.

O ano passado não aumentamos as participações familiares, e este ano também não o vamos fazer, pois temos a noção de que as famílias estão muito penalizadas.

Não aumentando os Acordos de Cooperação, as receitas ficam estagnadas. De certo modo, só podemos actuar na base da despesa. É isso que nos propomos fazer. Como se diz agora, vamos eliminar as gorduras financeiras. Mais controle, centralização de alguns serviços, é no fundo a nossa base de actuação na procura de um equilíbrio financeiro que se impõe.

P – Quando se inicia um mandato, há sempre projectos e perspectivas. Quais são os vossos?

R – Este ano, o nosso enfoque principal vai estar nas pessoas. Primeiro vamos preocupar-nos com o reforço do equilíbrio financeiro, depois vamos consolidar as valências não deixando que percam qualidade e melhorar se possível. Depois, em terceiro, vamos ajudar ainda mais as pessoas que necessitam de auxílio. Não vamos para a obra física neste mandato. Vamos ajudar quem precisa.

Por exemplo, estamos a adaptar a cozinha para que se aumente a capacidade de confecção de refeições, de forma a podermos contribuir, em parceria com a Autarquia, na ajuda a muitas pessoas que não conseguem uma refeição digna, mesmo que não estejam ligadas directamente à nossa instituição.

Outro projecto, é avançarmos com os "apartamentos de autonomia" para o Lar de Infância e Juventude. Veri-



ficamos que as nossas jovens quando saem de junto de nós, têm dificuldades e necessitam de encaminhamento acompanhado. Com este projecto, pretendemos que elas façam melhor a sua preparação na inserção na sociedade como cidadãs de plenos direitos e deveres. Estando elas em grupo a viver num apartamento próprio, mas sempre com acompanhamento por uma técnica e pela equipa do projecto D O M, melhor se faz a transição. As jovens é que vão gerir o apartamento, tomando conta dele e de si, mas sempre apoiadas.

P – Esses apartamentos são para serem construídos?

R – Não. A ideia é serem alugados, ou então utilizaremos um de nossa propriedade.

Outro projecto ainda, tem a ver com o Apoio ao Domicílio. Vamos implementá-lo, mas com algumas diferenças em relação aos que existem. Queremos avançar com um serviço integrado dentro da área da assistência social com a área da saúde. Terá alimentação, higiene pessoal e habitacional, enfermagem, fisioterapia, e outras, mas além de tudo, terá a tele-assistência.

Esta é cada vez mais importante, pois um dos principais problemas do nosso tempo, é a solidão. Corremos o risco de chegarmos a um ponto em que as pessoas têm dinheiro, mas não têm quem tome conta delas e ficam isoladas nas suas habitações. As instituições, por sua vez, não têm resposta para todos os casos. Daí a necessidade do Apoio ao Domicílio. A tele-assistência, pode colmatar uma falha que existe e que se mostra cada vez com mais urgente necessidade de atenção. Com ela, diminuem-se os riscos de se viver sozinho. A pessoa está ligada através de uma pulseira electrónica a um conjunto de parceiros como a GNR, os bombeiros, ou até um vizinho. Por ordem de prioridades, em

caso concreto, a central despoleta um aviso para um parceiro para que o utente seja visto e assistido.

Mesmo em necessidade de falar com alguém, ou numa situação de ansiedade, o utente pode ligar e falar com quem está do outro lado da linha. Nesse serviço, queremos também implementar a possibilidade de apoio nas tarefas diárias, que passam pelo apoio nas idas aos correios, ao banco, ao supermercado, a uma consulta médica e outras coisas no género, enfim tarefas diárias que o idoso se não for ajudado, não as pode realizar tornando-as mais activas.

Temos o serviço esquematizado, as obras em curso na cozinha que estão a decorrer neste momento, também se prendem com ele, pelo que quando bower luz verde da Segurança Social, nós avançamos. Queremos que seja dentro deste mandato, mas não depende somente de nós. Pela nossa parte, mesmo em termos de sustentabilidade que estas coisas obrigam, está tudo pronto.

P – Como estamos em tempo de muita inquietação, quer deixar uma mensagem para quem nos lê, e principalmente para os utentes e funcionários da Santa Casa da Misericórdia do Peso da Régua?

R – A palavra mais apropriada nos tempos que correm, será a palavra SERENIDADE. As pessoas estão apreensivas, Sabe-se que existem IPSS com muitas dificuldades, mas nós estamos a fazer tudo para que a nossa não seja atingida. Todos temos de continuar a desenvolver um trabalho com dignidade e com qualidade, não regateando esforços. Para os utentes, presentes e futuros, fica a garantia da manutenção da qualidade dos serviços implementados e as implementar.

Uma equipa sempre pronta

Américo Tavares



Américo tem 48 anos de idade, mas está somente entre nós desde Fevereiro de 2010. Mas sente-se um homem da casa. Cuida da manutenção dos edifícios do Lar Dona Antónia Adelaide Ferreira, da Unidade de Cuidados Continuados e da Casa da Criança. Da construção civil, à pichelaria, à electricidade, à pintura e o que mais aparecer, ele tenta como lhe



competete deitar mão. Já trabalhou em outras firmas neste tipo de actividade, mas aqui sente o seu trabalho como diferente. O que faz, fá-lo para melhor conforto dos utentes, e isso deixa-o satisfeito. Todos os dias de trabalho logo pela manhã, às oito e trinta chega ao Lar D. Antónia onde conforme as necessidades, recebe ordens dos mesários sen-

hor José Dias ou senhor Noel Magalhães. Há sempre coisas a reparar, há sempre que compor isto ou aquilo, e não falta manutenção a ser feita para que os equipamentos se não degradem. Tenta resolver como melhor sabe, pois tem a noção que o seu trabalho ajuda no conforto dos utentes, sejam eles os mais idosos ou as crianças.

Humberto Pinto



Humberto Tem 51 anos de idade e trabalha entre nós há 6. Exerce as funções de motorista de transportes públicos. Diariamente tem a missão de conduzir o autocarro que transporta as crianças de e para a escola. Apanha as crianças que vêm para a creche, e ao mesmo tempo leva as que vão para as aulas no Centro Escolar da Alameda e no Centro



Escolar das Alagoas. Quando leva as crianças no autocarro sente uma grande responsabilidade sobre os ombros, segundo afirma. Teve formação específica para esta actividade, pois o transporte de crianças é muito mais exigente que o transporte de adultos. Leva consigo uma ajudante, mas são necessários quatro olhos, ao que diz. Quotidianamente sai da Santa Casa, vai à Escola das Alagoas, ao Bairro Branco, ao Centro Escolar da Alameda, sobe ao Peso, chega à Estação e de novo está na Santa Casa.

Isto, de manhã, ao fim da manhã, e ao início e final da tarde. Cada trajecto, leva mais ou menos uma hora a ser percorrido. Gosta do seu trabalho, pois afirma que ser motorista neste serviço, nada tem a ver com o ser-se motorista numa qualquer empresa, pois para si é muito bonito andar a transportar e a lidar com crianças. Gosta de saber que é importante para elas, e gosta de ser reconhecido por elas. A segurança em todo o percurso, é a sua principal preocupação.

Carlos Figueiredo



Carlos Figueiredo tem 60 anos, e é o homem que passa os dias em redor da nossa horta, que é muito mais que isso, pois no terreno em volta das instalações do Lar Dona Antónia Adelaide Ferreira a variedade é grande. Além de fazer as pequenas tarefas sempre presentes no quotidiano de uma instituição como esta, dedica-se a ver e a fazer crescer saudavelmente "as novidades". Entre estas, não faltam hortaliças, árvores de fruta, oliveiras, videiras, e flores, muitas flores. É para este pequeno mundo que vai a aten-



ção diária do senhor Carlos Figueiredo, que é de Alijó, mas vive há alguns anos na Régua. Existe uma considerável variedade de produtos agrícolas no terreno. Não pode pois parar Carlos Figueiredo. Cultiva tudo com amor e carinho, até porque o resultado é para consumo interno do Lar. Quando vê as mesas decoradas com arranjos de flores aqui nascidas e crescidas, e essencialmente por si cuidadas, sente um certo gosto. Então, quando à sobremesa são servidos frutos de seu cultivo, segundo diz, o agrado é ainda maior. Sente-se útil e reconfortado, quando por exemplo no tempo das uvas, lhe perguntam se as que se estão a comer

são das que ele cultivou. E são. Cuidas das videiras em todo o processo, desde a poda, ao enxofre, à vindima. Todas as uvas são para consumo do Lar. Afirma que gosta de trabalhar onde trabalha, mas mais importante, gosta daquilo que faz, ele que antes de aqui estar trabalhava na agricultura, na vinha. É desde muito cedo, um homem ligado ao cultivo da terra. Mas de todos os produtos, do que gosta mais, é das roseiras. Mas gosta em geral de tudo o que a terra dá e de andar a cuidar do modo como se desenvolve a natureza. Muito mais quando no final, delicia as pessoas com quem todos os dias se cruza.

Manuel Pereira



Manuel Pereira de 62 anos de idade é motorista no Lar Dona Antónia Adelaide Ferreira, mas dá uma mão sempre que é necessário noutras coisas. Está entre nós vai fazer 14 anos no próximo dia 1 de Março. Entre as suas tarefas, está por exemplo aquela que o faz transportar a Vila Real para consultas médicas os utentes que ainda têm alguma mobilidade. Mas também acarta a roupa da Unidade de Cuidados



Continuados para a lavanderia e vice-versa. Sente-se útil principalmente quando do seu trabalho resultam coisas boas para os utentes, principalmente quando os transporta. Diz que tem de existir algum cuidado, muito cuidado mesmo nessa função, e ele inclusivamente recebeu formação para esse efeito. Mas quando é necessário, também transporta crianças e gosta. Afirma que a Direcção da Santa Casa em tempos quis que ele tirasse a carta para transportes públicos, mas não se sentiu com capacidade para isso. Sempre são 62 anos de idade, refere

conformado, pois para se conduzir um autocarro, sabe que são exigidas condições que ele sente já não deter. Gosta de lidar com os utentes idosos, e sente que tem de dar o seu melhor. Tem a noção, diz, que mais ano menos ano, será a sua vez de estar na situação em que hoje vê aqueles de quem ajuda a cuidar. A recompensa do seu trabalho é grande, ao que afirma, não se referindo necessariamente ao ordenado. Gosta de saber que os utentes estão bem e que o reconhecem enquanto profissional com brio.